



Nº 41, DEZEMBRO 2024

ART ECONOMICS

FGV INVEST

ARTE, MERCADO E ASCENSÃO

OLÍVIO GUEDES



ARTE MERCADO E ASCENSÃO

Olívio Guedes¹

RESUMO

2 Este artigo explora o papel central das cidades de Florença na Renascença, Paris no período impressionista, Nova Iorque e São Paulo e Rio de Janeiro no século XX como centros de inovação artística e do mercado de arte. Através de uma cronologia, examinamos como a criação de novas formas artísticas resultou diretamente da inovação conceitual e das dinâmicas econômicas de cada época. A ruptura com as práticas tradicionais ocorreu em um contexto de mercado fluido, permitindo o surgimento de novas expressões artísticas. Esse ambiente dinâmico não só apoiou, mas também influenciou a trajetória de artistas que exploraram diferentes gêneros. A pesquisa ressalta que esses movimentos artísticos foram possibilitados por contextos econômicos e políticos favoráveis, criando um ambiente de valorização de obras inovadoras no mercado. Assim, a interação entre arte e mercado foi essencial para transformar essas cidades em centros globais que moldaram a história da arte.

Palavras-Chave: Arte; Mercado; História.

¹ Olívio Guedes é Pós-Doutor em História da Arte (MAC-USP); Diretor Cultural do Board Brasil da Universidade de Haifa (Israel). * Agradeço ao Prof. Dr. Paulo Sérgio Tenani pelo apoio singular.



1. INTRODUÇÃO

Ao analisar o papel das cidades de Florença na Renascença, Paris durante o período impressionista, Nova Iorque e São Paulo e Rio de Janeiro no século XX como epicentros da inovação artística e transformação mercadológica; nota-se que esses locais foram influenciados por dinâmicas econômicas que moldaram tanto a produção artística quanto o mercado de arte.

De uma maneira geral, podemos dizer que a Renascença em Florença se destacou como centro financeiro e artístico, com o mecenato de famílias ricas, como os Médici, impulsionando artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519) e Michelangelo Buonarroti (1475-1564). O mercado de arte estava intimamente ligado ao poder bancário da cidade, e obras de arte tornaram-se ativos valiosos, funcionando como demonstrações de poder. A inovação artística foi, assim, incentivada pelo suporte financeiro.

3

Já Paris, no final do século XIX, se tornou o epicentro da arte moderna, com os impressionistas rompendo com tradições acadêmicas. A burguesia emergente da Revolução Industrial começou a colecionar obras, e comerciantes como Paul Durand-Ruel (1831-1922) conectaram artistas a compradores, criando o mercado de arte moderna. Tecnologias como os tubos de tinta portáteis e a expansão do transporte global também facilitaram a disseminação dessas obras.

Ao observarmos Nova Iorque no Século XX ela se tornou o principal centro artístico global, especialmente com o expressionismo abstrato de artistas como Jackson Pollock (1912-1956). O mercado de arte nova-iorquino foi moldado por instituições financeiras e leiloeiras como a Sotheby's, transformando a arte em um ativo financeiro global. A crítica de arte e as instituições culturais, como o MoMA (Museu de Arte Moderna, 1929), desempenharam papéis fundamentais na valorização das obras e no crescimento desse mercado.



Por fim, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro no Brasil no Século XX, o mercado de arte nacional também passou por mudanças significativas. A partir da Semana de Arte Moderna de 1922, movimentos artísticos como o concretismo emergiram em um cenário de instabilidade econômica e repressão política. No entanto, a Bienal de São Paulo ajudou a internacionalizar a arte brasileira. Nos anos 1990, a estabilização econômica e a globalização permitiram uma maior inserção do Brasil no mercado de arte contemporâneo.

A arte e o mercado têm estado interligados ao longo da história. Florença, Paris, Nova Iorque, São Paulo e Rio de Janeiro exemplificam como a inovação artística foi moldada por contextos econômicos e políticos, consolidando esses centros como protagonistas no mercado global de arte.

Além desta introdução, este artigo é dividido em cinco outras seções. A segunda seção, Renascimento Italiano e Florença, examina o sistema econômico e o florescimento artístico, em que ligações sociais e econômicas se interligaram na cidade de Florença. Na terceira seção, Paris Impressionista, é apresentado o crescimento do mercado de arte francês como uma transição do domínio acadêmico. Já na seção quatro, Nova Iorque no Século XX, o mundo da arte moderna e contemporânea e a importância do marketing, da distribuição e da globalização do mercado são abordados. Na quinta seção, São Paulo e Rio de Janeiro no Século XX, a análise se volta para as transformações significativas que ocorreram no mercado brasileiro em decorrência de contextos sociais e políticos. Por fim a sexta seção conclui.

4

2. RENASCIMENTO ITALIANO E FLORENÇA: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E O FLORESCIMENTO ARTÍSTICO

A relação entre o desenvolvimento econômico e o florescimento artístico em Florença durante o Renascimento é em grande parte resultado da riqueza gerada pelo comércio, pela produção têxtil e bancos; que permitiu que a cidade financiasse uma produção artística em grande escala. A estrutura social e política de Florença, com suas guildas e o sistema de mecenato, formou um ambiente propício para a criação e o consumo de arte que também se beneficiou



do aperfeiçoamento e barateamento do papel, assim como a expansão do comércio.

As guildas², em particular, e seu papel dentro do comércio, desempenharam uma função crucial no financiamento de grandes obras de arte, entre elas as portas do Batistério de Lorenzo Ghiberti (1378-1455) e a Cúpula de Filippo Brunelleschi (1377-1446). O mesmo aconteceu com o mecenato, pois famílias ricas como os Médici financiavam artistas, estimulando inovações que, por sua vez, aumentavam o prestígio e a influência política dessas famílias. Esse apoio financeiro criou um ambiente propício para o florescimento das artes, funcionando como uma forma de investimento em capital cultural que valorizava a cidade como centro artístico e econômico.

5

Nesse contexto, surge a grande liberdade que os artistas florentinos gozavam ao exercer sua profissão, podendo negociar com seus clientes e defender suas visões artísticas e criações; liberdade esta que incentivou a experimentação e a inovação. Isto está em forte contraste, com o que acontecia em outras cidades italianas e europeias, como por exemplo, Paris, onde os artistas frequentemente enfrentavam restrições mais rígidas impostas pela Igreja ou por tradições locais, limitando sua expressão artística e, consequentemente, seu impacto no desenvolvimento da arte.

Muitos artistas florentinos iniciaram suas carreiras como artesãos, adquirindo habilidades técnicas que foram fundamentais para seu desenvolvimento artístico. A citação de Ernst Gombrich (1909- 2001), historiador da arte, ilustrava bem o tema do que é ser artista:

“Nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna”.

Os ourives, por exemplo, trabalhavam com uma variedade de formas, incluindo ouro, prata, bronze, mármore, madeira, argila e têxteis. A versatilidade

² Corporações de ofício também chamadas guildas, grêmios ou mesteirais, são associações de pessoas qualificadas em um ofício que surgiram a partir do século XII.



dos ourives florentinos os preparou para uma ampla gama de atividades artísticas, desde a escultura até a pintura.

Também era o caso que os artistas renascentistas tendiam a vir de famílias mercantis e comerciais, ao invés da nobreza. Isso indica que a arte em Florença não era restrita a uma elite aristocrática, mas sim acessível a um público mais amplo, incluindo a burguesia mercantil.

Os artistas florentinos se formaram por conta própria, o que resultou em crescente autonomia, pois, podiam negociar seus contratos. O escultor e pintor Michelangelo Buonarroti (1475-1564) transformou o artista em figura pública e objeto de adoração. A figura de Michelangelo exemplifica o status elevado que os artistas alcançaram em Florença.

Quanto às características da arte renascentista florentina versus a arte medieval, ela se distingue pela adoção da perspectiva, o uso de proporções humanas mais naturais, e um foco maior na individualidade e expressão emocional. Essas características tornaram a arte mais atrativa para investidores e colecionadores, diferenciando-a da arte medieval, que era mais simbólica e menos realista.

6

Já a influência do humanismo na arte renascentista em Florença, promoveu a valorização do indivíduo e da cultura clássica, influenciando artistas a retratar temas mitológicos e históricos com maior realismo e profundidade. Esse enfoque humanista tornou a arte mais relevante para a elite educada e mais atrativa para o investimento, consolidando Florença como um mercado vibrante para a arte renascentista.

Na verdade, o desenvolvimento econômico, a estrutura social e o sistema de mecenato convergiram em Florença para criar um ambiente propício ao florescimento das artes. A riqueza gerada pelo comércio, a liberdade artística e o apoio de mecenas como os Médici permitiram que artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo Buonarroti (1475-1564) e Sandro Botticelli (1445-1510) criassem obras-primas que moldaram a história da arte ocidental. Segundo a interpretação do historiador alemão Hans Belting (1935-2023):



“O conceito de estilo servia para dominar as fases isoladas dos acontecimentos e ordená-las ciclicamente em torno das condições dos clássicos. Foi assim que a apresentação histórica da arte começou como teoria da arte aplicada e, nessa forma original também terminou onde essa teoria perdeu sua validade.”

Resumindo, o mercado de arte no renascimento evoluiu para um mercado mais livre e diversificado, impulsionado pela criatividade artística - assim, se desenvolvendo em novas formas, que modificaram o curso da história da arte.

3. A PARIS IMPRESSIONISTA: O CRESCIMENTO DE MERCADO DE ARTE FRANCÊS

Esta seção trata da evolução do mercado de arte na França, com foco na transição do domínio da Academia para o surgimento de um mercado mais independente e diversificado.

7

No Período do Antigo Regime, durante os séculos XVII e XVIII, a arte francesa era largamente patrocinada pela monarquia e pela aristocracia, com o estilo Barroco e Rococó refletindo os gostos luxuosos e o poder político da elite. O financiamento da arte servia como uma demonstração de poder e status, especialmente na corte de Luís XIV (1638-1715), o Rei Sol, que usava a arte como uma ferramenta política para fortalecer sua imagem.

A Revolução Francesa (1789) e a subsequente Era Napoleônica (1799-1815) mudaram drasticamente o mercado de arte. O financiamento pela nobreza declinou e surgiram novas formas de patrocínio e colecionismo, incluindo a nacionalização de coleções privadas. A arte começou a refletir temas mais democráticos e patrióticos, alinhando-se com os ideais revolucionários.

De início o governo francês, através da Academia³ de Belas-Artes, centralizava o gosto artístico e controlava o Salão, a principal exposição de arte. Porém, o surgir de novos estilos mais vibrantes e sensuais, como os de Jean-Honoré Fragonard (1732-1806) e François Boucher (1703-1770), ganharam

³ A Academia Real de Pintura e Escultura foi fundada em Paris em 1648 por Luís XIV, dirigida pelo pintor oficial da corte, Charles Le Brun (1619-1690).



popularidade, apelando para um público mais amplo e desafiando os padrões acadêmicos.

Na verdade, no Século XIX, com a Revolução Industrial, a sociedade francesa testemunhou o crescimento de uma nova classe média, que se tornou uma força emergente no mercado de arte.

Vieram também as inovações tecnológicas, como a fotografia (1826), que não só expandiu as possibilidades artísticas, mas também desafiou as formas tradicionais de arte, como a pintura, ao criar maneiras de capturar e reproduzir imagens.

Os impactos das novas tecnologias, como a invenção de tubos de tinta e a disponibilidade de novos pigmentos, permitiram que os artistas trabalhassem de forma mais livre e criassem estéticas. Deram também maior liberdade aos pintores, permitindo-lhes trabalhar ao ar livre e desenvolvendo novos movimentos. Essas novas técnicas e estéticas resultaram numa grande variação de estilos; e, a partir do impressionismo (1874), a arte francesa se tornou cada vez mais diversificada. Surgiram movimentos como o simbolismo (1881), pós-impressionismo (1886), Nabis (1888), fauvismo (1904), cubismo (1907), dadaísmo (1915), surrealismo (1924) entre outros.

8

O papel das novas tecnologias tem sido um fator crítico na evolução das práticas artísticas, mudando tanto os meios de produção quanto a forma de como as obras de arte são distribuídas e consumidas.

O Salão⁴, inicialmente aberto a novas tendências, tornou-se um obstáculo para os impressionistas e outros movimentos artísticos que desafiaram os padrões estabelecidos.

Artistas como Gustave Courbet (1819-1877) e a Escola de Barbizon⁵ buscaram alternativas ao Salão, organizando suas próprias exposições e

⁴ O Salão de Paris foi fundado em 1667 na capital francesa para exibir obras de arte, especialmente pinturas, dos membros da Academia Real de Pintura e Escultura.

⁵ Escola de Barbizon, um movimento artístico em direção ao Realismo (1850-1900), que surgiu no contexto do movimento Romântico (1790-1850). A escola de Barbizon esteve ativa de 1830 a 1870.



vendendo diretamente ao público; fazendo com isso, o nascer de um mercado independente.

O papel dos negociantes de arte foi crucial na promoção de novos artistas e na criação de um mercado de arte moderno. Esse período também coincidiu com o surgimento do Impressionismo, que, inicialmente marginalizado, foi apoiado por um pequeno grupo de negociantes de arte inovadores, como Paul Durand-Ruel (1831-1922), que reconheceu o potencial comercial na promoção desses artistas.

Durand-Ruel foi um dos primeiros a perceber os Impressionistas e investiu significativamente em suas obras; promovendo exposições e construindo uma rede internacional de colecionadores. Introduziu a prática de pagar adiantado aos artistas, o que permitiu que eles se concentrassem na criação, sem as preocupações imediatas de sustento. Com isso, estabeleceu uma nova relação entre a arte e o mercado, onde a inovação e a experimentação começaram a ser valorizadas. Paris se consolidou então como o centro do mundo artístico, atraindo artistas de toda a Europa e promovendo um mercado de arte dinâmico.

9

Para o marchand e historiador Daniel Wildenstein (1917-2001):

“No início, se por um lado ele comprou o século XVIII por nada, ou quase nada, era preciso, ao mesmo tempo, criar o mercado, criar a demanda”.

A relação entre a arte e a sociedade francesa em diferentes períodos sempre esteve profundamente interligada com o contexto social e econômico da época. Desde o Renascimento até o período moderno, as dinâmicas sociais e políticas influenciaram tanto a produção quanto a circulação de obras de arte.

Observamos a influência dos negociantes de arte na formação do mercado de arte modernista, onde, desempenharam um papel fundamental na formação desse mercado, atuando como intermediários entre artistas e compradores, e muitas vezes moldando o gosto artístico e influenciando o valor de mercado das obras de arte.

Ficam claras as diferenças entre o mercado de arte francês e outros mercados europeus. Embora a França tenha sido historicamente um centro de inovação artística, seu mercado de arte tem diferenças notáveis em relação a



outros mercados europeus, particularmente em termos de regulamentação, redes de distribuição, e perfil de colecionadores. Em particular, tradicionalmente, a França tem um mercado de arte mais dominado por galerias do que por leilões, em comparação com o Reino Unido.

Esses pontos fornecem uma visão mais aprofundada de como as finanças, a economia, e a tecnologia interagem com o mundo da arte, através do mercado, moldando não apenas as práticas artísticas, como também a forma como a arte é comercializada e consumida ao longo do tempo.

Em resumo, o mercado de arte francês evoluiu de um sistema altamente controlado pelo governo para um mercado mais livre e diversificado, impulsionado pela criatividade de artistas e pela iniciativa de negociantes. A resistência do Salão e a busca por novas formas de expressão artística levaram ao surgimento de movimentos revolucionários como o impressionismo e o pós-impressionismo, que vieram a moldar o curso da história da arte.

10

4. NOVA YORK DO SÉCULO XX: O MUNDO DA ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

O desenvolvimento modernista se deu com a ascensão de artistas como Pablo Picasso (1881-1973) que utilizaram a celebridade da apresentação da arte como promoção de si mesmo, utilizando a mídia e os *dealers*⁶ para construir sua fama e riqueza. Vieram a ter grande influência não só na Europa com também nos EUA, se espalhando por diversos países, como a Rússia, Alemanha, Áustria, entre outros, e contribuindo significativamente para o desenvolvimento de novos estilos e movimentos artísticos.

Com a Segunda Guerra Mundial, surge o termo “Modernismo Tardio”, que então foi redefinido para simplesmente “Modernista”. De uma maneira geral, a crítica usa o termo Modernismo para se referir a obras depois de 1945, coordenando a ideia de uma ideologia significativamente remodelada pelos

⁶ *Dealer* no mercado de arte é um negociador de obras com conhecimento. A função de um *dealer* é a regulação da liquidez no mercado.



eventos da guerra, em particular o Holocausto, e o lançamento da bomba atômica.

O período pós-guerra deixou as capitais da Europa em convulsão, com urgência em reconstruir suas economias fisicamente e se reagrupar politicamente. Em Paris (o antigo centro da cultura europeia e a antiga capital do mundo da arte) o clima para a arte era um desastre. Importantes colecionadores, marchands e artistas, escritores e poetas modernistas fugiram da Europa para Nova York na América.

É com isso que se desenvolve o papel dos colecionadores e dos museus. A emergente classe de colecionadores nos Estados Unidos, juntamente com a criação de grandes museus, impulsionou o mercado de arte e tornou Nova Iorque um centro global. Eram utilizadas técnicas de Marketing e distribuição, tipicamente americanas, elevando a importância aos dealers; galerias e casas de leilões; que cresceram exponencialmente moldando o gosto do público e promovendo novos artistas.

11

A competição no mercado de arte torna-se intensa, o que também oferece desafios e oportunidades para novos artistas. Por sua vez a comercialização da arte, embora possa gerar críticas, contribui para sua divulgação e valorização. Arthur Danto (1924-2013), filósofo e crítico americano observa:

“A pintura de vanguarda continua a provocar escândalo quando pouca coisa nova na literatura ou na música ainda escandaliza (a escultura é um assunto inteiramente diverso). Isso seria por si só suficiente para indicar que a pintura no presente momento, a mais viva entre as artes de vanguarda, pois só uma novidade substancial e significativa pode incomodar os bem-pensantes.”

Com a globalização, o mercado de arte contemporânea se transformou. Eram artistas de diversas origens e compradores de todo o mundo. E a arte contemporânea abriga uma ampla gama de estilos, desde a arte abstrata até a arte popular, atendendo a diferentes gostos e públicos.

Na verdade, refletir experiências culturais e incluir artistas de diversas origens é crucial para a diversidade do mercado de arte. E mercados que valorizam a diversidade tendem a ser mais dinâmicos, pois, incorporam uma



maior variedade de perspectivas, estilos e narrativas. Essa diversidade não só enriquece o campo artístico, mas também atende a uma demanda crescente de colecionadores e instituições que buscam obras que reflitam questões sociais, identitárias e culturais.

Pois a diversidade cultural tornou-se uma questão cada vez mais relevante no mercado de arte contemporâneo, especialmente em um cenário globalizado como o de Nova Iorque. Críticos de arte ajudam a moldar a narrativa em torno de artistas e movimentos artísticos, destacando certas obras como inovadoras ou significativas, enquanto outras são relegadas ao segundo plano. A cobertura de exposições, resenhas de obras e perfis de artistas influenciam diretamente com o público e os colecionadores percebem a relevância e o valor de uma obra.

Críticos influentes, como Clement Greenberg (1909-1994) no caso do expressionismo abstrato, desempenharam um papel central na elevação de artistas como Jackson Pollock (1912-1956) e Mark Rothko (1903-1970).

12

No entanto, o mercado de arte ainda enfrenta desafios em termos de inclusão, muitas vezes favorecendo artistas estabelecidos de países ocidentais ou de grupos sociais dominantes. Embora haja um crescente interesse por obras de artistas de origens diversas, a desigualdade no acesso ao mercado e à visibilidade permanece um obstáculo. Iniciativas como feiras de arte dedicadas a artistas de minorias e a crescente atenção a questões de diversidade por parte de galerias e museus têm ajudado a ampliar a inclusão, mas ainda há muito a ser feito para alcançar uma verdadeira equidade no mercado de arte. David Galenson, economista (1951-), em “Revoluções conceituais na arte do século XX”, repara:

“Esta análise situou a história da arte moderna sob uma nova luz: agora pude ver que a mudança radical que Hamilton descreveu foi iniciado e executado quase exclusivamente por inovadores conceituais. Intrigado com essa descoberta, comecei a estudar os novos padrões de comportamento que os artistas conceituais haviam inventado no curso do século XX.”



A comercialização da arte é uma questão complexa que, envolve a tensão entre a liberdade criativa e as demandas do mercado. Em Nova Iorque, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a cidade tornou-se o centro do mercado de arte mundial, atraindo artistas, galeristas, colecionadores e críticos.

Por exemplo, a comercialização da arte pode comprometer sua natureza na medida em que o valor financeiro de uma obra começa a influenciar sua produção. Artistas podem se sentir pressionados a criar obras que sejam mais vendáveis ou que atendam às expectativas dos colecionadores e galeristas, em vez de explorar plenamente sua própria visão artística. Esse fenômeno é frequentemente visto em movimentos como o *Pop Art*, onde a arte se misturou à cultura de massa e ao consumo, questionando os limites entre arte e mercadoria.

No entanto, muitos artistas argumentam que a comercialização não necessariamente compromete a arte, podem usar o mercado como um meio para disseminar suas ideias, enquanto ainda mantêm a integridade e autenticidade de suas obras. Artistas como Andy Warhol (1928-1987), por exemplo, exploraram a própria natureza comercial da arte como um tema central de suas criações, refletindo criticamente sobre a sociedade de consumo.

Críticos de arte e a mídia desempenham um papel crucial na formação da percepção pública e no valor das obras de arte, especialmente em um mercado tão competitivo como o de Nova Iorque.

A mídia também tem o poder de alavancar ou derrubar o valor de mercado de uma obra. Exposição na mídia pode aumentar a demanda por obras de um determinado artista, elevando seu preço em leilões e galerias. Por outro lado, críticas negativas ou controvérsias podem depreciar o valor de mercado. A mídia digital e as redes sociais contemporâneas ampliaram esse impacto, permitindo uma disseminação mais rápida das opiniões e influenciando colecionadores em escala global.

Sobre os Artistas emergentes, eles enfrentam vários desafios ao tentar se estabelecer em um mercado de arte global altamente competitivo, especialmente em uma cidade como Nova Iorque.



Um dos principais desafios é ganhar visibilidade em um mercado saturado. Sem o apoio de galerias influentes, negociantes de arte ou a atenção da crítica, é difícil para os artistas emergentes destacarem-se. As redes sociais têm ajudado a democratizar a visibilidade, permitindo que artistas promovam seus trabalhos diretamente para o público, mas isso também vem com a necessidade de habilidades de autopromoção e marketing.

A sustentabilidade financeira é outro grande obstáculo. Muitos artistas emergentes precisam equilibrar a criação de arte com outras fontes de renda, como empregos paralelos, devido à instabilidade e incerteza financeira. Além disso, o custo de vida e de manter um estúdio em cidades caras como Nova Iorque pode ser proibitivo, limitando as oportunidades para artistas que não têm acesso a financiamento ou patrocínio.

O mercado muitas vezes favorece a conformidade com estilos e temas populares ou comerciais, o que pode limitar a inovação. Artistas emergentes podem sentir-se pressionados a adaptar seu trabalho às expectativas do mercado para alcançar sucesso financeiro. No entanto, aqueles que conseguem se destacar por sua originalidade e inovação podem eventualmente criar tendências e encontrar sucesso, embora isso muitas vezes requeira um longo período de luta e experimentação.

Tyler Cowen, economista e escritor estadunidense (1962-) nos traz a atenção para:

“A tendência para a descentralização do mundo da arte reflete tendências análogas nos negócios (os subúrbios estão substituindo o centro da cidade), finanças (o comércio externo está substituindo as bolsas centralizadas) e bancos (centros regionais e securitização estão substituindo os grandes bancos).”

Essas reflexões destacam a complexidade das interações entre arte, mercado e sociedade, mostrando como o mundo da arte moderna e contemporânea em Nova Iorque é moldada por forças econômicas, sociais e culturais.

O mercado de arte modernista e contemporânea se transformou em um sistema complexo e globalizado, onde a criação, a promoção e a



comercialização da arte estão intimamente ligadas. A figura do artista, antes restrita a um círculo restrito, tornou-se uma celebridade, e a arte, um produto de consumo com um valor de mercado crescente.

5. SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XX: TRANSFORMAÇÕES SIGNIFICATIVAS, CONTESTOS SOCIAIS E POLÍTICOS

Ao longo do século XX, mercado de arte no Brasil, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro passou por transformações significativas e foi moldado por contextos sociais, políticos e culturais únicos. Enquanto Nova Iorque emergia como um dos grandes centros globais da arte, o Brasil desenvolvia um cenário artístico próprio, que refletia a complexidade e a diversidade de sua identidade cultural.

15

Artistas brasileiros como Tarsila do Amaral (1886-1973) e Cândido Portinari (1903-1962) tornaram-se figuras centrais no desenvolvimento da arte moderna no país. Embora a autopromoção não fosse tão evidente quanto no caso europeu, esses artistas utilizaram exposições internacionais, revistas especializadas e a interação com intelectuais para construir suas reputações tanto no Brasil quanto no exterior.

Na verdade, a influência europeia e o nacionalismo criaram o modernismo brasileiro. E seu início foi marcado pela Semana de Arte Moderna de 1922, na cidade de São Paulo, fortemente influenciada pelos movimentos vanguardistas europeus, mas que também buscou se distanciar deles ao afirmar uma identidade cultural nacional. O modernismo no Brasil não apenas incorporou influências estrangeiras, mas também ressignificou-as, enfatizando elementos da cultura brasileira, como o folclore, a natureza e as tradições indígenas.

O surgimento de colecionadores e a criação de museus como o Museu de Arte de São Paulo (MASP, 1947) e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM, 1948) tiveram papéis cruciais na consolidação do mercado de arte. Esses espaços não só abrigaram e promoveram a arte brasileira, mas também



estabeleceram conexões com o mercado internacional, apresentando ao público local artistas e movimentos globais.

Embora o Brasil tenha enfrentado desafios econômicos e políticos ao longo do século, as galerias de arte começaram a emergir como atores importantes na promoção e venda de obras de artistas contemporâneos. A criação de eventos como a Bienal de São Paulo, a partir de 1951, também foi um marco importante para o marketing e a distribuição da arte brasileira, atraindo atenção global para os artistas nacionais.

A arte brasileira começou a se destacar no cenário internacional, impulsionada pela globalização. Artistas como Lygia Clark (1920-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980) ganharam reconhecimento além das fronteiras brasileiras, trazendo a atenção para a diversidade e a inovação presentes na arte contemporânea do país.

16

O mercado de arte brasileiro abrange uma vasta gama de estilos, desde o concretismo (SP, 1950) e neoconcretismo (RJ, 1950) até manifestações de arte popular e indígena. Essa diversidade reflete a complexa tapeçaria cultural do país, onde coexistem expressões artísticas que dialogam tanto com as tradições locais quanto com as tendências internacionais.

É um mercado que sempre enfrentou desafios, incluindo crises econômicas e políticas, que afetaram tanto a produção quanto a comercialização de arte. Contudo, esses desafios também abriram oportunidades para novos artistas e para a valorização de expressões culturais autênticas e diversas. A comercialização da arte, por vezes criticada, também tem sido um meio para a disseminação e a valorização da arte brasileira, tanto no mercado interno quanto no externo. Diva B. Pinho, economista e pintora brasileira, nos mostra que:

“Investir já é, em si, uma atividade de risco na medida em que trabalha em cenários futuros, isto é, lida com fatores imprecisos, ambíguos e imprevisíveis, o nível de risco também aumenta quanto maior o número de “atores” em jogo.”

Mas em que medida a comercialização da arte no Brasil compromete ou enriquece sua natureza?



No Brasil, a comercialização da arte tem um impacto ambíguo, podendo tanto comprometer quanto enriquecer sua natureza, dependendo do contexto e da perspectiva. Compromete quando prioriza o lucro sobre a expressão artística, moldando obras para o mercado e afastando a autenticidade criativa.

Por outro lado, enriquece ao proporcionar visibilidade e recursos aos artistas, permitindo maior alcance e sustentabilidade, além de incentivar a produção e a inovação. O equilíbrio entre mercado e criação é o desafio central.

A comercialização pode comprometer a natureza da arte quando os artistas são pressionados a criar obras que atendam às demandas do mercado, ao invés de explorar sua expressão artística mais autêntica. Isso pode levar a uma padronização das obras, onde o valor comercial se sobrepõe ao valor cultural ou estético. Em certas ocasiões, artistas podem sentir a necessidade de adaptar seus trabalhos para atender expectativas de colecionadores e galeristas, o que pode limitar a inovação e a experimentação.

17

Por outro lado, a comercialização também pode enriquecer a arte brasileira ao proporcionar aos artistas recursos financeiros para desenvolverem suas práticas e alcançar um público mais amplo. O surgimento da Bienal de São Paulo, as galerias, os marchands e as feiras de arte, ajudaram a projetar artistas brasileiros internacionalmente, criando um intercâmbio cultural que enriquece tanto a produção quanto a recepção da arte no Brasil. Além disso, a comercialização permite que a arte brasileira se insira em diálogos globais, contribuindo para uma maior valorização de sua diversidade e singularidade.

Quanto às questões da Crítica de Arte e a Mídia desempenharam um papel crucial na construção da percepção da arte brasileira ao longo do século XX. A influência da crítica de arte ajudou a legitimar certos movimentos e artistas dentro e fora do Brasil. Críticos como Mário Pedrosa (1900- 1981) e Ferreira Gullar (1930-2016) foram fundamentais para o reconhecimento, promovendo debates que ajudaram a moldar a compreensão do público sobre a importância desses movimentos. A crítica também teve o poder de influenciar o sucesso comercial de artistas, ao destacar ou marginalizar certas obras e estilos.



A Mídia, por sua vez, foi essencial para popularizar a arte brasileira e torná-la acessível a um público mais amplo. A cobertura de eventos como a Bienal de São Paulo e exposições de artistas consagrados nos grandes centros urbanos ajudou a aumentar o interesse pela arte no Brasil. Além disso, a televisão e, mais tarde, a internet, ampliaram o alcance da arte, permitindo que o trabalho de artistas brasileiros fosse conhecido e apreciado em outras partes do mundo.

Quanto à diversidade cultural, ela é uma das características mais marcantes do mercado de arte contemporânea no Brasil, refletindo a rica rede de influências e identidades que compõem o país. O mercado de arte contemporânea no Brasil valoriza artistas de diferentes origens étnicas, regionais e sociais contribuindo para um cenário artístico vibrante e multifacetado. A arte indígena, afro-brasileira e popular tem ganho maior reconhecimento e espaço em galerias, refletindo uma busca por representação mais inclusiva e representativa da realidade brasileira.

18

No entanto, ainda existem desafios relacionados à visibilidade e ao reconhecimento equitativo para artistas de grupos historicamente marginalizados. Embora a diversidade seja valorizada, é necessário um esforço contínuo para garantir que todos os artistas tenham acesso igualitário a oportunidades no mercado de arte, seja através de galerias, feiras ou apoio institucional. Iniciativas que promovem a arte de periferias urbanas e de grupos sub-representados são essenciais para enriquecer ainda mais o cenário artístico brasileiro.

Os artistas emergentes no Brasil enfrentam desafios que são tanto únicos ao contexto local quanto comuns a outros mercados globais. A gestão da economia, é um dos maiores desafios no Brasil e resulta na falta de infraestrutura e apoio financeiro contínuo para as artes. Ao contrário de mercados mais consolidados, como os Estados Unidos ou a Europa, onde existe um sistema robusto de galerias, colecionadores e instituições culturais, os artistas brasileiros muitas vezes enfrentam dificuldades para financiar sua produção e encontrar espaços para expor suas obras. A instabilidade econômica e a escassez de políticas públicas para a cultura também são barreiras significativas.



Comparado a mercados como o de Nova Iorque, o mercado de arte brasileiro é mais restrito em termos de alcance global. Artistas emergentes podem encontrar dificuldade em alcançar reconhecimento internacional, em parte devido à distância geográfica e à falta de redes globais de apoio. Embora iniciativas como feiras internacionais e residências artísticas no exterior tenham melhorado esse cenário, o acesso ao mercado global ainda é limitado.

No Brasil, há também uma disparidade significativa entre os centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro e outras regiões do país. Artistas de áreas menos desenvolvidas enfrentam maiores desafios para obter visibilidade e apoio, o que pode limitar a diversidade do mercado de arte nacional.

Apesar desses desafios, muitos artistas emergentes brasileiros têm encontrado maneiras inovadoras de se destacar, utilizando plataformas digitais, coletivos de arte e parcerias internacionais para expandir suas audiências e garantir a sustentabilidade de suas práticas artísticas.

19

O mercado de arte no Brasil no século XX foi moldado por uma série de fatores econômicos, culturais e sociais, que tanto enriqueceram quanto desafiaram os artistas e o próprio mercado de arte. Em “Arte e Cultura” o crítico nova-iorquino Clement Greenberg, crítico americano (1909- 1994), nos alerta!

“É possível que a selvagem efervescência do mundo da arte nas sete ou oito décadas passadas tenha sido uma fermentação terminal de algo cuja química histórica esteja ainda por ser entendida?”

Assim como o mercado de arte em Nova Iorque se transformou em um complexo sistema global, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro desenvolveram um cenário artístico singular no século XX. A relação entre arte e mercado, o papel dos críticos e da mídia, e a importância da diversidade cultural são questões centrais que permeiam a evolução do mercado de arte brasileiro. Mesmo diante de desafios, o Brasil continua a ser um vibrante centro de criação artística, contribuindo de forma significativa para o panorama global da arte contemporânea.



6. CONCLUSÃO

A relação entre a arte e o mercado ao longo da história é inseparável das inovações artísticas que impulsionaram momentos de ruptura e transformação cultural. Em diferentes períodos e lugares, essa interação moldou não apenas a produção artística, mas também a valorização e a circulação das obras de arte, conectando o campo cultural ao econômico de maneiras profundas e duradouras.

Em Florença, durante a Renascença, o mecenato e o poder financeiro das elites, foram cruciais para o florescimento artístico. Ao financiar grandes mestres, as elites locais não apenas garantiam seu prestígio social, mas também viam a arte como uma forma de investimento político e cultural. Obras de arte serviam como ativos simbólicos que fortaleciam o poder dessas famílias, além de influenciar o status social de Florença como um centro econômico e artístico. Nesse contexto, a arte desempenhava um papel estratégico e de prestígio na economia, em que as produções culturais ajudavam a consolidar alianças políticas e aumentar o capital social e econômico de seus patronos.

20

Em Paris, no final do século XIX, o mercado de arte moderna passou por uma transformação significativa. O surgimento do Impressionismo e a evolução do mercado de arte ocorreram em um momento em que a classe média emergente estava acumulando riqueza e investindo em bens culturais. A ruptura com as academias e salões tradicionais levou ao surgimento de novos espaços de venda e exposição, como as galerias de arte independentes, promovendo uma comercialização mais aberta e acessível. Os avanços tecnológicos permitiram que artistas explorassem novas técnicas e estéticas, refletindo a rápida urbanização e industrialização da época. A arte modernista tornou-se um reflexo direto das mudanças econômicas e sociais, com o mercado de arte começando a operar de forma mais semelhante ao que vemos hoje: com galeristas, marchands, leilões e colecionadores influenciando fortemente a valorização das obras.

No século XX, Nova Iorque emergiu como o novo centro global da arte, particularmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A migração de



artistas europeus e a ascensão do expressionismo abstrato criaram um ambiente artístico dinâmico, no qual o mercado de arte se conectou diretamente à financeirização da economia. Nova Iorque se tornou um ponto central para grandes casas leiloeiras como Christie's e Sotheby's, consolidando o modelo de arte como um ativo financeiro. Com a arte sendo cada vez mais tratada como uma commodity⁷ de alto valor surgiram mecanismos financeiros, como a especulação no valor de obras e a compra de arte como forma de diversificação de portfólios de investimento. Galerias e investidores privados passaram a desempenhar um papel fundamental no aumento do valor da arte contemporânea, muitas vezes ditando tendências e influenciando a demanda global. Isso reforçou a ligação entre arte e economia capitalista, criando um ambiente no qual as transações de arte eram impulsionadas tanto por critérios estéticos quanto por estratégias financeiras.

21 As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e seus desenvolvimentos artísticos ao longo do século XX também estiveram intrinsecamente ligados às condições econômicas e políticas. Movimentos como o Modernismo e o Concretismo floresceram em momentos de transformação econômica, enquanto eventos como a Bienal de São Paulo foram fundamentais para inserir o país no circuito internacional de arte.

Contudo, o mercado de arte brasileiro enfrentou desafios próprios, como a instabilidade econômica, que impactou o consumo e a comercialização de arte. A arte no Brasil, especialmente em períodos de crise, se tornou uma forma de resistência cultural e política, mas também uma moeda de troca simbólica.

A partir dos anos 2000, com a estabilização econômica e a internacionalização de artistas como Beatriz Milhazes (1960-) e Vik Muniz (1961-), o Brasil começou a se consolidar como um participante relevante no mercado global de arte contemporânea, embora ainda enfrente barreiras como a falta de infraestrutura e a volatilidade econômica.

⁷ Em economia, uma commodity é um bem econômico, geralmente um recurso, que especificamente tem fungibilidade total ou substancial.



Esses epicentros artísticos — Florença, Paris, Nova Iorque, São Paulo e Rio de Janeiro — não apenas produziram algumas das mais importantes obras de arte da história, mas também foram palco de profundas interações entre arte, política e economia.

Cada um desses momentos ilustra como o mercado de arte se molda e é moldado por fatores financeiros e sociais, transformando a arte em um reflexo das dinâmicas econômicas globais. Essas interseções ajudaram a construir as economias culturais que continuam a influenciar o mercado de arte contemporâneo, no qual obras de arte não são apenas símbolos culturais, mas também ativos financeiros com valor global.



REFERÊNCIAS

Belting; Hans (2006): “O fim da história da arte”; Cozac Naify, página 187.

Cohen, Tyler (1998): “In Praise of Commercial Culture”; Harvard University Press; página. 126.

Danto, Arthur (2014): “O descredenciamento filosófico da arte”; Autentica Editora, página 123;

Galenson, David (2009): “Conceptual Revolutions in Twentieth Century Art”; Cambridge University Press; página 14.

Greenberg, Clement (2013): “Arte e Cultura”; Cosac Naify, página 239.

Gombrich, Ernst (2012): “História da Arte”; Grupo Editora Nacional; página 15.

Pinho, Diva (2009): “Mercado de Arte”; ESETec,, página 212.

Wildenstein (2004); “Mercadores de Arte”; Ed. Planeta do Brasil, página 22.